ENTREVISTA
BRUNO RIBEIRO
ADMIRÁVEL LIVRO NOVO: SOBRE FEIRAS, LEITURAS E LEITORES

Entrevista concedida a Samelly Xavier

Bruno Ribeiro nasceu em 1989, é um mineiro radicado na Paraíba. Professor de Escrita Criativa, escritor, tradutor e roteirista. Autor do livro de contos *Arranhando Paredes* (2014) traduzido para o espanhol pela editora argentina Outsider e dos romances *FebredeEnxofre* (2016) e *Glitter* (2018). Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), editor da *Revista Sexus*, foi um dos vencedores do concurso Brasil em Prosa, promovido pelo jornal O Globo e pela Amazon. *Glitter* foi pré-selecionado ao Prêmio Sesc de Literatura 2016 e finalista da 1° edição do Prêmio Kindle. Nessa entrevista, o autor nos fala um pouco sobre sua percepção literárias e sobre as feiras literárias.

Muito se tem falado do surgimento de uma nova literatura, de forma que as plataformas digitais e redes sociais tornam o escritor e o universo literário mais acessíveis, além de aumentar significativamente o conteúdo exposto. Qual a sua opinião sobre isso? Você acredita que a máxima da "qualidade versus quantidade" está caindo por terra?

> Sobre a quantidade: quanto mais escritores, mais leitores. E isso já é algo bom. Claro, nem sempre essa máxima é verdadeira, mas gosto de pensar que se a pessoa se dedica a escrever, provavelmente ela vai gostar de ler também. Ainda sobre a quantidade, funciona como uma caixa de pandora: vai sair de tudo. O excesso pode trazer coisas boas, ruins, e só o tempo dirá o que vai ficar para a posteridade ou não. As teorias, gostos, subjetividades mudam. O que antes era ruim, hoje, já é aceito, e a própria crítica é um conceito mutável, não fixo. Gosto de pensar na democratização da arte e em pensar que aos poucos estamos quebrando a roda do mercado literário. O que antes só habitava o eixo SP-RJ, hoje já é visível no Nordeste, por exemplo. Cursos, especializações, escritores nordestinos sendo publicados, premiados, lidos nacionalmente. Claro que temos que pensar na qualidade do que produzimos, mas isso vem com o tempo e com um meio literário que seja produtivo e agitado, algo que está ocorrendo conosco agora.

Você já foi finalista de várias premiações como o _Prêmio Kindle de Literatura_. Qual a importância desse tipo de premiação para autores em início de carreira, na sua opinião? Há algumas críticas que alegam que esse tipo de prêmio muitas vezes são "acordos comerciais para promover as editoras"; você acha que isso realmente ocorre ? qual a sua visão sobre o assunto?

Como eu sempre publiquei por editoras independentes, então isso de acordos comerciais nunca cruzou meu caminho nem das editoras que me publicam. Editoras grandes tem dinheiro e com dinheiro se chega longe. É possível distribuir melhor o livro e, talvez, até fazer acordos. Mas realmente desconheço se há ou não esses acordos, mas que existe uma predominância enorme de editoras grandes nos pódios dos prêmios, isso é fato. Prêmios ajudam a ganhar alguns leitores e espaços, mas acredito que pesa mais na biografia do que numa alavanca rumo ao sucesso. É bom? Sim. É essencial para mim? Não.

Você considera que, em épocas de poesia informal e multifacetada, definir literatura como "a arte da palavra" ainda é adequado? Por quê?

A poesia informal e multifacetada é um trabalho com a linguagem, então também é uma arte através da palavra. Os tempos estão mudando e precisamos nos adaptar, entender essa loucura que nos envolve, essa velocidade, e compreender que isso terá um impacto em nossas produções ou na de outros. Gostando ou não, o futuro é agora. Artes plásticas, dança, cinema, entre outros, são mídias que aceitam mais as mudanças do que a literatura. Apesar dos diversos experimentos no decorrer da história na escritura, ainda penso que a literatura é a mais conservadora das artes. Espero que isso mude com o tempo.

Qual a importância que você enxerga em eventos e feiras literárias como a FLIC? Na sua opinião, por que estão surgindo tantas feiras na Paraíba e no Brasil?

São essenciais! Ajudam a posicionar o escritor, fazendo com que ele conquiste um público, e forma leitores, incentiva à leitura. Só vejo coisas boas nessa explosão de feiras literárias. Quanto mais, melhor. É como o número crescente de escritores e editoras. É importante ter muito mesmo, pois só assim é possível criar algo coeso em nosso meio, e só assim é possível conquistar espaços.

Apresentar um escritor local para o público e o livro dessa pessoa, mostrar que é possível fazer uma literatura distinta daquilo que eles precisam ler para passar do ENEM ou porque está no top 10 da *VEJA*, pode sim mudar suas vidas. Enquanto professor, eu sempre apresento trechos de livros de escritores

CC BY

independentes e amo a reação dos alunos. Quando leio o começo do romance *Palavras que devoram lágrimas*, do Roberto Menezes, a galera vibra, adora, assim como quando leio o começo visceral e lírico de *Nossa Teresa: vida e morte de uma santa suicida*, da Micheliny Verunschk. O mesmo ocorre quando leio trechos de *Modos inacabados de morrer*, do André Timm. "É sério que pode fazer isso na literatura?", muitos alunos perguntam. São obras que dificilmente cairiam na mão da galera, então é bacana falar que esses livros estão sendo lançados atualmente e por autores vivos.

Sou até chato com isso, pois a meu ver um professor que se propõe a ensinar literatura ou alguém que deseja criar uma feira literária tem a obrigação de saber o que anda rolando ao seu redor no meio literário. Acho irresponsável ficar só nos clássicos, no *status quo*, nos defuntos. É o caminho fácil, o atalho, a preguiça.

Essas feiras são um trabalho de formiguinha, que deve ser feito com paciência e paixão. Realmente acho que estamos em um bom momento e devemos aproveitá-lo.

Como funciona o seu processo criativo? Já teve épocas de bloqueio criativo? Como lidou, em caso afirmativo.

Tenho muitos bloqueios, mas quando boto pra fora já era: escrevo sem parar. Gosto de fazer muitas pesquisas, recortes, buscar personagens nos rostos alheios, fazer muitos rascunhos também. Já cansei de iniciar projetos e abandoná-los no meio do caminho. Começar, desistir, começar e ver que a coisa tá andando, começar e largar pela metade. O negócio é não ter medo do erro, do risco, de escrever mal para que com o tempo - lapidar o texto - aquilo se torne bom. A sensação de alcançar o número suficiente de páginas de um romance novo pra mim, fazendo com que eu saiba de verdade que ele não vai dar errado, é inexplicável. Nosso ofício é muito árduo e saber que seu projeto tá indo pra frente é imbatível. Pura potência. Então, pra mim vai muito da tentativa e erro. E paciência. Muita paciência, estudo, dedicação e trabalho.

Outra coisa que me influencia muito no processo criativo é a música. No meu romance *Febre de Enxofre*, por exemplo, eu queria criar um ritmo punk no romance que fizesse jus ao título. Uma febre demoníaca com parágrafos longos e pouquíssimas pausas para respiração. A primeira coisa que veio na minha cabeça foi o punk. Depois de muita reflexão, veio não só um álbum, mas um clássico da insanidade: o álbum *FunHouse* da banda americana The Stooges. As faixas deste álbum foram gravadas ao vivo, sequenciais, sem edições no processo e com

nenhum ou poucos *overdubs*. A banda era conhecida na época pelas performances apocalípticas nos shows ao vivo e por isso *FunHouse* foi gravado dessa forma. Como conceber uma escritura "ao vivo" foi um dos meus questionamentos enquanto escrevia. Uma literatura que pudesse alcançar um nível próximo da escrita automática, mas que fosse sóbria e consciente dos seus atos.

Um dilúvio de raiva e potência literária e musical. Um Borges com pico na veia. Um Saramago com crise de abstinência. Iggy Pop poeta. Etc. Então, essas questões de forma, estilo, de como pensar um livro e seus pormenores, também invadem minha cabeça no processo criativo e me alimentam bastante. O escritor precisa botar muita coisa na cabeça, muita leitura, influências, música, cinema – aí vai do gosto do freguês, cada um sabe o que pode te influenciar – pois só assim será possível jorrar um poema, um conto, um romance, uma crônica, ou seja lá o que for. Não tem como tirar nada de uma cabeça vazia.

Olhando para trás na sua trajetória literária, há algum texto que você teria mudado alguns elementos ou sequer publicado?

Não. Meu primeiro livro de contos, *Arranhando Paredes*, teve um atraso de dois anos para sair. Agradeço demais esse atraso, pois foi o tempo necessário para eu melhorar o livro. Escreveria as mesmas coisas de antes, desse tempo? Não. Mas ele existe, está lá, e eu gosto. Faz parte do meu projeto literário e não perdeu o seu sentido de existir com o tempo.

Você dá cursos de escrita criativa. Qual a importância deles na sua opinião? Acredita que estes cursos ajudam a "formar escritores"

Não gosto do termo "formação de escritor", mas isso é uma discussão longa, talvez transpareça algo sobre isso na minha resposta. Se forem cursos sérios e não meros tutoriais de "como escrever bem" ou "regras para escrever bem ou ser um autor de sucesso", então podem ajudar um escritor, sem dúvidas. Uma indicação de livro pode mudar a vida de um aluno. Outra coisa importante na escrita criativa é aprender a ler, esmiuçar de verdade um texto, a linguagem, trama, personagens. Ler o amigo de oficina ou curso é muito importante, pois ao julgar o texto alheio você indiretamente está aprendendo a avaliar o seu texto também.

Aprender a escrever é algo estranho e que sempre me soa pesado, apesar de achar que uma pessoa pode aprender a escrever bem, obviamente. A diretora do meu mestrado de

escrita criativa, a poeta argentina Maria Negroni, no primeiro dia de aula disse que o objetivo da pós-graduação não era de formar escritores e sim de criar espaços para encorajar as dúvidas e perguntas, pois a verdadeira escritura sempre é uma arte subjetiva, acima inclusive da matéria que esteja sendo estudada. Assino embaixo disso aí. Ricardo Piglia disse que "a literatura é a experiência mais intensa que existe". Até hoje, essa frase é o meu lema neste ofício tão árduo. E tento passá-la para os meus alunos, pois, sem processo, confronto, intensidade e pulsão, não há escritura. Seja sacra ou profana, sem gana, não rende.

Resumindo: é possível sair mais "enriquecido" literariamente de uma oficina, curso ou pós-graduação de escrita criativa, mas se a pessoa vai se tornar ou não um escritor, isso é algo que só as suas obras poderão dizer. Muitos já entram escritores, outros saem escritores. Não tem uma fórmula mágica e as aulas precisam seguir esse caminho. Existem diversos tipos de escritores e cada um é um universo distinto, e se o professor não conseguir perceber isso, não conseguir ter a empatia de pisar neste universo que pode ser distinto do dele, então já acho equivocado a ideia dessa pessoa ministrar um curso ou oficina nessa área. A literatura é a rainha de todas as artes, é plural, e é nisso que reside sua beleza.

Recebido em 20 de janeiro de 2019

Aceito em 15 de fevereiro de 2019

CC BY